

Evocativos, exposição individual de Cláudio Cretti

Programa de Intervenções de Arte Contemporânea
Curadoria Ana Avelar

No espaço do edifício principal do Museu da Inconfidência – Mdlnc e no Anexo, atravessando a rua lateral, objetos produzidos por Claudio Cretti posicionam-se incomodamente entre as peças da exposição permanente, com materiais e formas que provocam os silêncios da museografia. Às vezes, parecem utensílios domésticos; outras, artefatos associados a vivências místicas. Há um procedimento de apropriar-se e reinventar essas formas.

Como afirmam os sociólogos Claudio Benzecry e Fernando Domínguez Rubio, vivemos nossas vidas no meio das coisas e, muitas vezes, não nos damos conta delas, embora objetos nos acompanhem numa variedade imensa de experiências.

Segundo os teóricos, sabemos que os objetos desempenham um papel fundamental na formação da identidade, da ação social e da subjetividade. Entretanto, a relação entre nós e os objetos não é unilateral; quando os selecionamos e lhes damos sentidos, os próprios objetos agem também sobre nós, como numa dança de equilíbrio entre as partes. Os papéis conferidos por nós aos objetos mudam ao longo do tempo, transformam-se conforme o espaço.

A também socióloga Sherry Turkle foi notabilizada por denominar “objetos evocativos” aqueles que são nossos companheiros, dado que, por meio deles, nos ligamos emocionalmente com outras pessoas, memórias e emoções. Coisas reúnem racionalidade e sentimento; frequentemente, modelam nossos pensamentos e nossa imaginação.

Nas obras de Cretti, objetos característicos do cotidiano nos perturbam ao serem deslocados de suas funções usuais e encontram outros objetos semelhantes ou dessemelhantes que, juntos, acabam produzindo maravilhas escultóricas que pendem do teto, encostam-se na parede ou posicionam-se de pé altivamente. Cores vibrantes festejam essa existência, trazendo visões de nossa experiência religiosa e cultural – cachimbos de Jurema presos entre si lembram adereços de devoção.

Conhecemos esses objetos, porém, da maneira como estão dispostos, lembram colares, pingentes, brinquedos, varas de pesca, berimbaus, espingardas, lanças. Poderiam habitar em nossas casas, ao lado das ferramentas, das colheres de pau ou da cesta de pão. Embora estranhos, seus materiais nos são familiares – madeira, palha, ferro, sisal, lã, cabo de aço, fio elétrico, tubo de papelão, barbante, bambu, borrachas. E se fosse possível combiná-los como quiséssemos numa brincadeira de montar?

Diante desses objetos, é plausível nos perguntarmos o que nos atrai neles. A cor, a forma, as características materiais? Ou o fato de parecerem coisas que nos acompanham brasileiromente?

Com frequência nos fundimos com determinados objetos – garfos, facas e colheres fazem as vezes de nossas mãos para consumirmos a comida; vassouras atuam como pelos nas pontas de nossos braços para empurrar a poeira; luvas térmicas nos oferecem uma carapaça para aguentar altas temperaturas. De robôs mecânicos – como o homem de lata do Mágico de Oz— passamos à era ciborgue – agora nossos smartphones estendem nossa capacidade de multipresença, são nossas memórias, nosso entretenimento, nossos companheiros de selfies numa exposição. Porém, não substituem os demais objetos que utilizávamos antes porque, embora a indústria da tecnologia nos imponha a obsolescência programada, nós seguimos escolhendo as ferramentas mais adequadas para cada atividade de nossas vidas. Celulares não descascam cocos, nem espremem alhos, tampouco apertam parafusos como as chaves inglesas ou servem como linhas para acertar o prumo das paredes. Tecnologias de diferentes tempos convivem porque servem a situações específicas.

Diante desses objetos evocativos e, por vezes, engraçados, de Cretti, também lembramos de nossas gambiarras diárias, improvisando, com aquilo que temos, soluções para o que não temos. Vivemos numa realidade repleta de desigualdades de todos os tipos, inconstâncias e desequilíbrios. Não raro, nos apoiamos em nossas faculdades criativas e inventivas para contornar situações complexas. Se, por um lado, nossa improvisação surge da necessidade, por outro, nos liberta de modelos e regras que não nos interessam, pois não são adequados a nossa realidade.

Realizados a partir de uma operação de busca, aquisição, colecionismo e encaixe, os *Mafuás de Trens*, de Cretti, são feitos de fragmentos, pedaços e peças. Criados a partir de uma situação de convívio entre as coisas, esses objetos são nossos companheiros porque temos intimidade com suas partes, conhecemos suas cores; de uma forma ou de outra, estão em nossos imaginários.

Apoio
AM Galeria de Arte
Central Galeria

Montagem especializada
Douglas Mucci